



4º Seminário Nacional de Pesquisa e  
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

**inovação e ética na pesquisa em arquitetura e urbanismo**

## ESTÉTICA DA PERIFERIA: CRÔNICA DE UMA PESQUISA

*Heloísa Buarque de Hollanda*

*Programa de Pós Graduação Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

*E-mail: heloisa.buarque@gmail.com*

Fiquei muito feliz com esse convite porque sou da área de Letras, mas minha paixão é a arquitetura e o urbanismo. Esse convite, prazerosamente fora do lugar, deve-se certamente a um laboratório de tecnologias sociais que criei em 2009, chamado Universidade das Quebradas. Esse é meu tema aqui. Mas vou me permitir trazer agora, em vez de resultados sistematizados de pesquisa, o meu testemunho, que é o gênero de fala primordial dos velhos, categoria na qual, infelizmente, me incluo. Escolho também a forma testemunho porque me permite pensar a trajetória de um trabalho acadêmico que respondeu a diferentes contextos e momentos históricos. O que me interessa aqui é a fascinante instabilidade situacional da função social e do lugar de fala do intelectual/ pesquisador.

Meu DNA é o de uma professora que começou sua carreira, nos anos 60, em meio a um sonho rebelde de revolução. A missão, digamos assim, da minha geração foi nada mais nada menos do que a demolição de todas as instituições, fosse ela o Estado, a Igreja, a Família, a Universidade, a Escola, o Mercado. Não posso me deter nesse tema porque, certamente, falaria sem parar.

Apenas quero sinalizar o desejo do intelectual como protagonista de uma transformação social profunda, cuja urgência foi trazida à tona p ela guerras de libertação das colônias africanas entre 1956 e 1967. O surgimento da autonomia das ex-colônias britânicas e francesas, sem dúvida, desestabilizou a visão e a experiência social e política da segunda metade do século XX. Entrava em cena, pela primeira vez, o Outro como sujeito político.

Nesse impulso, os movimentos das minorias, raciais e de gênero, floresceram e ganharam força e visibilidade nos USA e nos países da Europa. No Brasil, no quadro da ditadura, essas lutas não

ORGANIZAÇÃO



CO-ORGANIZAÇÃO



APOIO:



PROMOÇÃO:



DIVULGAÇÃO:



tiveram o mesmo espaço, mas a juventude estudantil, curiosamente, descobre na figura do Outro, o pobre.

Minha geração teve o privilégio de participar dessa descoberta no calor da hora. Foi assim, em defesa deste outro, que surgiu o CPC (Centros Populares de Cultura) com a bandeira de ensinar aos pobres, urbanos e camponeses, seus direitos e demandas. No CPC, experimentávamos o papel político e cultural dos intelectuais como uma missão pedagógica, cujo objeto, era a conscientização das camadas populares.

Aproximadamente duas décadas mais tarde, o papel do missionário começa a mostrar sua fragilidade e novas frentes de participação se abrem para o intelectual. Falo da intermediação de demandas entre o Estado e aqueles que não tinham acesso, nem recursos políticos, diante das instâncias de poder. O ativismo das ONGs, ou do terceiro setor, junto às minorias, cumpriu, com sucesso, o papel de negociadores com os novos movimentos sociais que então se consolidavam à sombra das utopias multiculturais pós-modernas.

Se no meu tempo, os intelectuais tinham um perfil missionário e falavam com segurança sobre e pelo povo, com forte convicção de sua legitimidade representativa, agora os integrantes das ONGs se propunham a posição de mediadores. Meu trabalho de pesquisa e atuação não fugiu à esses perfis. Fui missionária convicta e mediadora entusiasta.

Desde o início de minha carreira, concentrei minha pesquisa no estudo e na intervenção nas políticas ligadas aos “excluídos”. Por que então as questões trazidas pela cultura da periferia, no final do século, me causaram tanto desconforto e estranheza como pesquisadora?

Fui eu que mudei ou terá sido meu objeto que mudou?

Comecei a pesquisa sobre e nas periferias por volta de 1993, a partir de um Seminário internacional que realizei, cujo título prometia. Chamava-se Sinais de Turbulência. Esse título veio da percepção de que a cena cultural e social da globalização começava a sinalizar mudanças socioculturais profundas.

1993 foi também a data de duas históricas chacinas no Rio de Janeiro, o assassinato, pela polícia, de 20 meninos de rua nas escadas da Igreja Candelária, no centro da cidade, e, apenas um mês mais tarde, de 40 moradores de Vigário Geral, comunidade da periferia da cidade.

Coincidentemente, movimentos anteriores pela cidadania engrossam suas fileiras, começa uma articulação política dos intelectuais sobre a violência policial e, paralelamente, cresce o interesse, ou mesmo a curiosidade, da classe média sobre a situação da vida nas favelas. Ainda nessa época, a cultura da periferia começa a ganhar visibilidade e se deslocar em direção ao centro, com características bastante particulares.

Qual seria o papel do intelectual engajado diante desta produção emergente, pró ativa autossuficiente, que pretende agir mesmo sem o apoio do Estado e que mostra uma efetiva força política e culturalmente autônoma?

As formas de ativismo com as quais o intelectual de classe média até então articulava seu desejo revolucionário, nesse quadro, pareciam não mais se sustentar com um mínimo de operacionalidade.

Na minha precariedade metodológica diante do novo objeto, investi no que me pareceu mais importante e inovador dessa nova cena cultural: os possíveis encontros e, conseqüentemente, articulações entre os chamados centro e periferias das grandes cidades.

Um caminho que senti, inicialmente, necessário, foi o de abandonar de vez o paradigma centro-periferia. Percebi, como saída possível, focar minha observação no conjunto urbano como um todo, procurando perceber a real interdependência entre os diversos polos da cidade. Observar a diversidade que, não necessariamente, é igual à desigualdade. Ou melhor, enfrentar a desigualdade a partir da força das diferenças. Apostar, sobretudo, nos encontros da cidade partida.

Um conceito interessante e fartamente utilizado por Ricardo Henriques na sua batalha por políticas sociais e culturais nas comunidades cariocas onde atuam UPPs (Unidades Políticas Pacificadoras) é o de Utopia Pragmática: uma aposta teórica e política nos encontros no interior da tensão entre desigualdades e diversidade.

Como campo de observação, procurei mapear as inovações e articulações político culturais da cultura hip hop.

E foi aí que começou o problema. Ao iniciar minha pesquisa de campo, logo nos primeiros 5 minutos, percebi que era fundamental eu me situar num lugar de fala radicalmente diverso das

minhas experiências anteriores. Eu encontrava agora uma cultura com metas bastante definidas, encaminhando, com garra, sua agenda prioritária: a promoção da visibilidade não só de seus produtos artísticos, mas também do contexto precário e desassistido pelas políticas públicas em que viviam.

Como exemplo, podemos pensar no caso do rapper MV Bill que promoveu uma exibição impactante do clip Soldados do morro de 2001, no Fantástico. Soldados do morro revelou, em rede nacional, através de imagens chocantes, o drama de adolescentes, armados de metralhadoras, trabalhando nas bocas de fumo. Denúncia importante, na medida em que 90% do trabalho no tráfico é feito por menores, a partir dos 9 anos. Esta exibição, que provocou uma comoção nacional, colocou o problema da alta incidência de menores no tráfico na pauta cultural e política do país, além de comprovar a importância do "tráfico de informação", como é chamada, pelos rappers, a disseminação intensiva de notícias e dados sobre a vida nas comunidades de baixa renda.

Para a pesquisa, como já me referi a pouco, estabeleci, como recorte, o estudo da cultura hip hop, a vanguarda intelectual dos movimentos culturais da periferia. Uma cultura visceralmente engajada, uma cultura com atitude, como é definida por seus participantes. Por atitude, são entendidas formas de arte comprometidas com a transformação de seu entorno. Não é por acaso que a sigla jamaicana RAP, para rythm & poetry, teve sua leitura transformada, pelo hip hop brasileiro foi transformada em ritmo, poesia e política.

É hora de chamar atenção também para um detalhe interessante. A revolução gangsta (sic) do hip hop mira, focadamente, a transformação de seu território. No hip hop, a noção de território, ressignificada, torna-se central em todos os seus discursos políticos e expressões artísticas. Neste universo, além da idéia funcional de território (que ainda tem muito a nos oferecer e à qual estou dedicando uma boa parte de meus estudos), encontramos também a de CEP, que me parece a definição, neste caso, de uma unidade mínima, ainda menor, de cidade. É interessante observar como as idéias de território e de CEP, ainda que hiperlocalizadas, não parecem diminuir em nada o impacto geopolítico das ações e intervenções do hip hop.

Caracterizando a emergência de uma nova forma de engajamento intelectual, estes artistas abandonam a retórica do protesto e do confronto e passam a interagir diretamente com suas comunidades.

É o chamado artista-cidadão. (Também deixo para depois a discussão do hip hop brasileiro e sua pegada política e territorial, se por acaso interessar).

Uma observação ainda sobre esse novo elenco dos "meus desconhecimentos" sobre a cultura popular (se assim ainda se pode chamar), é a descoberta de que um dos elementos-chaves do hip hop brasileiro é o conhecimento, também chamado de o quinto elemento. A importância do conhecimento veio, inicialmente, através da valorização da história da cultura local e de suas raízes raciais, o que gerou, provavelmente, a necessidade da busca de mais informação e conhecimento. O conhecimento orgânico passa, então, a ser valorizado e experimentado como parte integrante da cultura hip hop, e é frequente a insistência em seu valor estrutural e político. Como sublinha Jéssica Balbino – representante da Zulu Nation no Brasil – "não há hip hop sem conhecimento, sem a leitura e sem a escrita".

Como se não bastasse, na via crucis do pesquisador sobre as periferias hoje, evidencia-se a figura do intelectual ou ativista periférico "poliglota". Ou seja, aquele que fala, com desenvoltura, a língua de seu território, a língua da mídia e a língua do Estado, descartando, assim, a necessidade de representação, intermediação ou tradução.

Volto ao ponto de partida dessa conversa. Nesse quadro, como uma intelectual de classe média pode intervir ou mesmo desenhar um campo de pesquisa, com os pressupostos de seus estudos anteriores?

Percebi que o primeiro passo, antes mesmo de procurar um lugar de onde falar, seria entender: que objeto é esse chamado favela, periferia ou comunidade?

Com o maior cuidado, resolvi criar não um projeto, mas um protótipo de pesquisa. Associada ao designer Gringo Cardia, desenvolvi o projeto de uma exposição no Rio 1eJaneiro, chamada Estética da Periferia, testando, como metodologia, a curadoria compartilhada. Chamamos artistas da periferia e pedimos que trouxessem o que consideravam belo, em suas comunidades, para ser exposto num prestigioso espaço cultural da cidade. A partir de um

enorme material levantado, fizemos uma seleção de objetos, também compartilhada, e montamos a expo, em quatro andares do Centro Cultural dos Correios no Rio de Janeiro, em 2004. Durante o trabalho, e a partir do material que nos foi trazido, algumas coisas ficaram evidentes. A cultura da periferia é uma cultura estruturalmente POP. Não é uma cultura de raiz. O movimento, o fluxo, a troca entre diferentes olhares estéticos, sinalizavam uma hibridização - inventiva e bem resolvida - entre centro e periferia. Começamos a perceber, sobretudo, que o informal, o desviante, o que é percebido como problemático do ponto de vista estético, urbanístico, econômico e de configuração das relações sociais, hoje em prática nas periferias, apontavam soluções extremamente interessantes. Havia, claramente, um fluxo contínuo de trocas, customizações e mesmo remixes, como o fator estruturante dessa cultura. Neste mesmo sentido, a própria constituição das favelas também diz respeito a fluxos e movimentos. Senão vejamos: um migrante de Campina Grande, Paraíba, chega numa metrópole em busca de trabalho. Como não tem posses, se instala numa favela e sai à procura de um trabalho no centro. Se tiver sorte e arrumar trabalho, parte de seu salário volta para o local de partida, sua família no nordeste. E este fluxo não é só de salários. É, sobretudo, um movimento constante que conforma suas experiências culturais e afetivas, e que estabelece uma rede de interlocuções entre o território de origem (raiz), o território de chegada (favela) e o território de trabalho (centro).

Na realidade, é criado um movimento permanente que incentiva o trânsito entre cada um desses polos, promovendo a experimentação de uma diversidade significativa de visões de mundo, de culturas e de estruturas sócio econômicas. Assim, na pesquisa, trabalhamos a periferia como um lugar de chegada (uma cidade de chegada) e de movimento, onde se processa um fascinante laboratório de hibridização e ressignificação cultural.

A exposição que fizemos no Rio foi um primeiro teste, seguido de outra, em Recife, em 2007, chamada Estética da Periferia: Diálogos Urgentes. Em Recife, tentamos colocar em diálogo a Expo realizada no Rio com uma nova parte expositiva produzida com a mesma metodologia de compartilhamento curatorial.

Também não vou me alongar sobre as enormes diferenças e enormes similaridades entre as periferias das cidades brasileiras, mas esse é um tema importante que desenvolvemos no trabalho.

Em 2007, demos o próximo passo, com a realização de uma coleção de livros chamada Tramas Urbanas, hoje com 35 volumes escritos pelos protagonistas locais de projetos culturais em todo Brasil.

A curadoria editorial desses livros não foi menos reveladora. Como começaram a surgir muitas teses e estudos principalmente sociológicos e antropológicos sobre a cultura da periferia, resolvemos dar a voz às lideranças locais e induzir a criação de novos "escritores". Essas lideranças, ainda que tivessem falas e projetos bastante articulados, não eram proporcionalmente capazes de colocar no papel sua história. Nesse caso, desenvolveu-se uma escrita quase-compartilhada, não sem muitos confrontos e intolerâncias parte a parte, entre mim, coordenadora da coleção buscando qualidade e inteligibilidade de escrita, e o novo escritor, que defendia sua linguagem e sua coerência, com unhas e dentes. Talvez esta tenha sido a frente mais trabalhosa e, ao mesmo tempo, mais rica dos impasses da relação entre o pesquisador e os atores periféricos. Tratava-se aqui da linguagem expressando identidades políticas de alta densidade em confronto permanente. Foi importante aqui o investimento pesado em exercícios de tradução cultural. Para nós, ficou como ganho, o entendimento do poder político e do patrimônio que representa a linguagem e/ ou da palavra.

Um terceiro passo, desta vez inevitável, foi a criação, em 2009, de um laboratório de tecnologia social, chamado Universidade das Quebradas. Nesse projeto, baseado no nosso aprendizado de escuta forte e consciência, digamos, "territorial" desenvolvida nos projetos anteriores, me coloquei numa perspectiva desenhada com maior cuidado, enquanto sujeito de uma pesquisa ação.

Um pressuposto importante, neste caso, foi estabelecer a diferença entre as noções de multiculturalismo e diversidade. A noção de multiculturalismo, em voga nas teorias e pesquisas pós-modernas, me pareceu perigosa, uma vez que está associada a posições políticas e estratégicas que se caracterizam, na prática, pela valorização da diversidade em si e não pela

criação de caminhos para o diálogo entre diferentes formas culturais. A experiência mostrou como a adesão ao ideário multiculturalista termina gerando políticas de resistência e exclusão. O que exatamente pretendi quando criei esse laboratório chamado Universidade das Quebradas? Inicialmente, a proposta foi a de criar, no espaço da Universidade (e não nas comunidades, o que foi uma decisão importante) um ambiente de troca entre saberes e práticas de criação, articulando experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia. A metodologia usada, na medida em que se trata de um laboratório de tecnologia social, é explicitamente experimental e, portanto, flexível, sujeita a alterações recorrentes, em função das respostas dos participantes. Esta metodologia é apoiada na noção de ecologia dos saberes, Desenvolvida, ainda que de maneiras diferentes, por Felix Guattari e Boaventura de Souza Santos. Por ecologia dos saberes entenda-se o equilíbrio sistêmico entre as diversas formas de saberes vernaculares e acadêmicos, (científicos e técnicos), equilíbrio este, desestruturado por uma longa trajetória de silenciamento de certos saberes por formas dominantes de conhecimento. A busca deste equilíbrio não pretende promover a equivalência entre os diversos saberes, mas a inclusão de todos eles num equilíbrio.

O trabalho inicial com a Universidade das Quebradas foi o de formatar um modelo de produção compartilhada de conhecimento, baseado na afirmação do que Pierre Levy nomeou como inteligência coletiva. Os atores, da Universidade das Quebradas - professores e produtores culturais das periferias - teriam, portanto, que ter alguma equivalência intelectual. Para isso, criamos um edital de seleção dos participantes, bastante criterioso. Os participantes deveriam ser intelectuais, ativistas ou artistas em meio de carreira, comprovado através de portfólios pessoais e de uma longa entrevista presencial. A idéia é de que o processo de compartilhamento fosse entre dois tipos de intelectuais semi-equivalentes.

O projeto pedagógico prevê um programa estruturado a partir de trocas, com palestras relativas ao currículo de humanidades, ministradas por professores universitários, articuladas à apresentações, palestras, e seminários oferecidos ou promovidos pelos "quebradeiras", que também participam da gestão do projeto) da criação do programa de atividades e escolha das aulas, e da administração do site oficial do projeto.





4º Seminário Nacional de Pesquisa e  
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

**inovação e ética na pesquisa em arquitetura e urbanismo**

Se eu puder resumir grosseiramente a missão da Universidade das Quebradas, eu diria que é a de franquear o espaço e o saber acadêmico para as periferias, mas, sobretudo, promover uma interlocução (ou mesmo interpelação) nos sistemas de conhecimento universitários cuja porosidade é, historicamente, bastante baixa. A opção pela metodologia de troca sistemática vem surpreendendo e apontando, com muita frequência, para as imensas possibilidades da criação e da produção de conhecimento compartilhadas, resultante de articulações culturais híbridas, numa era em que a especialização disciplinar fragiliza-se.

Quero apenas, para fechar, chamar atenção para o fato de que a Universidade das Quebradas é um laboratório baseado não num projeto, mas num protótipo, portanto ainda muito incipiente, sujeito a desastres e acertos, que tem, no final das contas, como objetivo um projeto, digamos, de "urbanismo dos saberes", próximo, ainda que com um pouco de forçação, da área desse seminário. Obrigada.

ORGANIZAÇÃO



CO-ORGANIZAÇÃO



APOIO:



PROMOÇÃO:



DIVULGAÇÃO:

vitruvius